

Editorial:

**O grito da terra e o lamento dos pobres:
dez anos de uma profecia urgente**
10 anos da Encíclica Laudato Si' e 5 anos da Querida Amazônia

Editorial:

*The cry of the earth and the lament of the poor:
Ten years of an urgent prophecy*
10 years of the Encyclical Laudato Si' and 5 years of Querida Amazonia

Washington da Silva Paranhos

Há uma década, em 18 de junho de 2015, o Papa Francisco entregava ao mundo a encíclica *Laudato Si'*: Sobre o Cuidado da Casa Comum. O documento não se restringiu aos círculos eclesiais; ecoou globalmente, provocando surpresa, debate e, para muitos, um profundo senso de reconhecimento. Não era apenas mais um texto papal; era um manifesto corajoso que articulava, de forma inédita e contundente, a crise ambiental e social de nosso tempo como uma profecia que exigia uma conversão ecológica integral. Passados dez anos, a urgência de sua mensagem não apenas se mantém, mas se intensifica diante da aceleração das crises climáticas, da crescente desigualdade e da persistência de um paradigma tecnocrático e consumista. Este editorial propõe uma reflexão sobre a ressonância profética da *Laudato Si'* e da *Querida Amazônia*, destacando a imperiosa necessidade de aprofundarmos a conversão ecológica que ambas insistentemente nos convidam a empreender.

Os pilares da profecia: a visão sistêmica da *Laudato Si'*

A força profética da *Laudato Si'* reside, primeiramente, em sua capacidade de nomear e desmascarar a raiz de nossa crise contemporânea. Francisco não se limita a descrever os sintomas do colapso ambiental, mas diagnostica uma patologia mais profunda: o paradigma tecnocrático dominante e um antropocentrismo mal orientado¹. Essa mentalidade, forjada na crença irrestrita no avanço tecnológico e na dominação ilimitada da natureza, fragmentou a realidade, promovendo uma separação insustentável entre ser humano e ambiente. Como bem aponta Leonardo Boff², a encíclica questiona a “arrogância prometeica” que nos fez crer que somos “donos e possuidores da natureza”, distorcendo o mandato bíblico de “cuidar e cultivar” (Gn 2,15). A natureza deixou de ser vista como um dom sagrado para se tornar um mero recurso a ser explorado, gerando um “crescimento ilimitado que ilude os economistas, os ambientalistas e os tecnólogos”³. A crise ecológica, portanto, é apresentada não como um problema isolado de poluição ou esgotamento de recursos, mas como o sintoma visível de uma profunda crise ética, espiritual e civilizacional.

É precisamente nesse contexto que a encíclica introduz e desenvolve o conceito revolucionário de ecologia integral. Longe de ser uma abordagem simplista, a ecologia integral constitui um novo paradigma que articula, de forma inseparável, as dimensões ambiental, social, econômica, cultural e

¹ LS 101, 118.

² BOFF, L., A Sustentabilidade.

³ LS 109.

espiritual⁴. A *Laudato Si* demonstra que o grito da terra e o lamento dos pobres são um só grito. A degradação ambiental afeta desproporcionalmente os mais vulneráveis, exacerbando injustiças e desigualdades. A “dívida ecológica”⁵ é uma dívida que o Norte global tem para com o Sul, e as gerações presentes têm para com as futuras. Celia Deane-Drummond⁶, entre outros teólogos da criação, já argumentava a importância de uma teologia que compreendesse a interdependência de todas as criaturas, um tema amplamente desenvolvido na encíclica. Este entrelaçamento indissociável entre a questão social e a questão ambiental é um dos pontos mais originais e desafiadores da encíclica, impelindo a teologia a alargar seus horizontes para além das preocupações meramente humanas e incluir a totalidade da criação.

Por fim, a dimensão teológica e espiritual perpassa toda a encíclica, conferindo-lhe seu caráter profético e inspirador. Retomando uma rica tradição que remonta aos Padres da Igreja e encontra sua expressão mais vívida em São Francisco de Assis, a encíclica resgata uma teologia da criação que vê o universo como uma rede de relações, um dom divino e um espaço para a manifestação de Deus⁷. A redescoberta do valor intrínseco de cada criatura, da sacralidade da natureza e da irmandade universal não é apenas um adorno poético, mas o fundamento para uma autêntica espiritualidade ecológica. Essa espiritualidade, que contempla a beleza da criação e reconhece nossa interdependência, é o motor para uma mudança de hábitos, para a moderação e para a redescoberta de um sentido mais profundo de vida que se opõe ao consumismo desenfreado⁸. Como Elizabeth Johnson⁹ explora em sua obra sobre a divindade criadora, a própria fé cristã é convocada a uma renovação de sua compreensão de Deus na criação, reconhecendo o Espírito Santo como “o Criador e o Doador da vida”¹⁰. A *Laudato Si* nos convida a uma “conversão ecológica” que envolve o coração, a mente e as mãos, transformando nossa relação com Deus, com o próximo e com a Casa Comum.

Uma década de recepção e respostas: impactos e desafios contínuos

Ao longo desta década, a *Laudato Si* gerou um impacto significativo, tanto dentro quanto fora dos muros da Igreja. Internamente, a encíclica serviu como um catalisador para a crescente conscientização sobre a temática ecológica em diversos níveis. Observamos a criação de movimentos eclesiais dedicados ao cuidado da criação – como o Movimento Católico Global pelo Clima (hoje Movimento *Laudato Si*) –, programas de formação teológica e pastoral incorporando a ecologia integral, e a emergência de numerosas iniciativas pastorais locais que buscam traduzir seus princípios em ações concretas. Conferências episcopais ao redor do mundo, como a CNBB no Brasil, emitiram documentos e diretrizes inspirados na encíclica, incentivando dioceses e paróquias a adotarem práticas mais sustentáveis e a se engajarem na defesa ambiental. A Plataforma de Ação *Laudato Si*, lançada em 2021, é um testemunho vivo do esforço global da Igreja em responder ao chamado do Papa Francisco, envolvendo famílias, dioceses, escolas, organizações, hospitais e setores econômicos.

Externamente, a encíclica consolidou a voz da Igreja Católica como um ator relevante e eticamente autorizado no debate global sobre o clima e a sustentabilidade. Sua linguagem acessível e sua abordagem integradora permitiram um diálogo profícuo com outras religiões, com a ciência e com a sociedade civil. A *Laudato Si* foi citada em fóruns internacionais, como as Conferências das Partes (COPs) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC)¹¹, influenciando agendas de sustentabilidade e inspirando líderes e ativistas. Seu apelo por um “diálogo

⁴ LS 137-142.

⁵ LS 51-52.

⁶ DEANE-DRUMMOND, C., *Future Perfect?*

⁷ LS 83-84.

⁸ LS 216-221.

⁹ JOHNSON, E. A., *Ask the Beasts*.

¹⁰ LS 80.

¹¹ Em inglês United Nations Framework Convention on Climate Change (UNFCCC), é um acordo internacional que estabelece um quadro para lidar com a mudança climática. Seu objetivo principal é estabilizar as concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera em um nível que impeça uma interferência perigosa do homem no sistema climático.

honesto e transparente”¹² sobre as soluções para os problemas ambientais abriu caminhos para a colaboração intersetorial, como demonstrado por estudiosos da diplomacia vaticana¹³.

Contudo, a década pós-*Laudato Si* também revelou a magnitude dos desafios e a persistência de resistências. Apesar da crescente conscientização, a adesão plena aos princípios da ecologia integral ainda é lenta em alguns setores da Igreja, onde visões antropocêntricas desequilibradas ou céticas em relação à crise climática ainda persistem. Na esfera política e econômica, os interesses corporativos e a lógica do lucro a qualquer custo continuam a frear as transformações necessárias. O “paradigma da tecnociência”, criticado por Francisco¹⁴, segue impulsionando uma “cultura do descarte”¹⁵. A própria complexidade de traduzir a “conversão ecológica” em práticas cotidianas – que exigem mudanças nos hábitos de consumo, na mobilidade, na produção de energia – representa um obstáculo considerável para indivíduos e comunidades. A encíclica de fato colocou a ecologia no centro da agenda da Igreja, mas a transição de um reconhecimento teórico para uma prática generalizada e sistêmica ainda é uma jornada em curso.

Cinco anos de Querida Amazônia: sonho, denúncia e cuidado encarnado

No caminho aberto pela *Laudato Si*, cinco anos atrás, em 2 de fevereiro de 2020, o Papa Francisco ofereceu ao mundo outro marco profético: a Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, fruto do Sínodo Especial para a Amazônia. Este documento não apenas aprofunda os horizontes da ecologia integral, mas os encarna em um território concreto e simbólico: a Pan-Amazônia, cuja complexidade ecológica, cultural e espiritual revela, de forma paradigmática, a interdependência entre o clamor da terra e o lamento dos pobres.

Ao articular os “quatro sonhos” – social, cultural, ecológico e eclesial –, Francisco reafirma que a Amazônia não é uma periferia a ser explorada, mas um centro vital para o futuro do planeta. O sonho ecológico expressa o desejo de que a Amazônia “possa preservar sua exuberante beleza natural”, denunciando com veemência os mecanismos de devastação impulsionados pela ganância, pelo extrativismo predatório e pela indiferença institucional. Já o sonho social afirma a urgência de garantir os direitos dos povos originários e das comunidades tradicionais, reconhecendo seus saberes, suas lutas e sua resistência como expressão de uma sabedoria ancestral que cuida da terra ao invés de dominá-la.

Em continuidade com a *Laudato Si*, *Querida Amazônia* traz uma crítica contundente ao modelo de desenvolvimento que transforma biomas em zonas de sacrifício e populações em descartáveis. Mas vai além: propõe uma escuta mística e poética do território, incorporando vozes indígenas, lamentos de mártires e a contemplação da biodiversidade como manifestação divina. Como afirma o documento, “tudo isso deve nos levar a uma mística amazônica”¹⁶, desafiando as Igrejas locais e a teologia a se enraizarem nas culturas e nos símbolos amazônicos para anunciar o Evangelho com sabor e rosto próprio.

No campo eclesial, a *Querida Amazônia* reforça a necessidade de uma Igreja com rosto amazônico: sinodal, inculturada, samaritana e profética. Uma Igreja capaz de valorizar os ministérios laicais, a liderança das mulheres, a espiritualidade indígena e os símbolos da floresta. A teologia latino-americana, herdeira do Concílio Vaticano II e da Conferência de Aparecida, encontra na exortação uma convocação renovada à escuta dos povos e à conversão pastoral e estrutural de nossas comunidades. A Amazônia, assim, deixa de ser apenas tema de reflexão e se torna lugar teológico, sacramento da criação ameaçada e promessa de novos caminhos para toda a Igreja.

Cinco anos após sua publicação, *Querida Amazônia* continua a interpelar consciências e estruturas. É memória viva do Sínodo e horizonte de compromisso: com os mártires da terra, com os povos silenciados e com a floresta que resiste. Ela nos lembra que a ecologia integral não é uma teoria

¹² LS 188.

¹³ MÜLLER, T., *The Pope and the Planet*.

¹⁴ LS 106.

¹⁵ LS 16.

¹⁶ QA 55.



universal abstrata, mas uma práxis situada, encarnada, feita de escuta, solidariedade e presença. Sua mensagem complementa e concretiza o apelo da *Laudato Si*, apontando para a Amazônia como coração pulsante da Casa Comum e lugar de discernimento espiritual, ético e missionário para toda a humanidade.

A urgência da conversão ecológica integral hoje

Os dez anos que nos separam da publicação da *Laudato Si* não diminuíram sua relevância; ao contrário, confirmaram e amplificaram sua urgência profética. Os dados científicos mais recentes, como os relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), apontam para um agravamento acelerado da crise climática, com eventos extremos – secas, inundações, ondas de calor, perda de biodiversidade – tornando-se mais frequentes e intensos. As emissões de gases de efeito estufa continuam a crescer, e a meta de limitar o aquecimento global a 1,5°C parece cada vez mais distante. Nesse cenário, as advertências da *Laudato Si* sobre a necessidade de “mudar as rotas”¹⁷ e abandonar a “irresponsabilidade”¹⁸ de nossa cultura tecnológica e consumista ressoam com uma clareza ensurdecadora. A encíclica não é um documento do passado, mas um mapa para o futuro que se faz presente.

A urgência atual impõe um chamado à ação mais vigoroso e abrangente. Isso significa, em primeiro lugar, a necessidade de aprofundar as mudanças nos estilos de vida, produção e consumo. Não se trata de um mero ajuste cosmético, mas de uma verdadeira “revolução cultural”¹⁹ que questione a lógica da obsolescência programada, do descarte e da acumulação. A educação ecológica emerge como ferramenta fundamental, capaz de formar cidadãos conscientes, críticos e engajados, capazes de reconhecer a complexidade dos problemas e a interconexão de todas as coisas. Essa educação, no espírito da *Laudato Si*, deve ser permeada por uma espiritualidade ecológica que sustente o compromisso, alimente a esperança e combata a inércia e o desânimo, uma dimensão essencial explorada por autores como Mary Evelyn Tucker e John Grim²⁰ ao discutir a “Grande Transição”.

Em segundo lugar, a conversão ecológica exige uma dimensão política e profética do engajamento. Não basta a mudança individual; é imperativo pressionar por políticas públicas efetivas que promovam a transição energética, protejam os biomas (como a Amazônia, o Cerrado e a Mata Atlântica no contexto brasileiro), garantam a justiça ambiental e a soberania alimentar, e defendam os direitos dos povos originários e das comunidades tradicionais, que são guardiões de conhecimentos ancestrais e da biodiversidade. A teologia, portanto, é chamada a ir além da mera reflexão, assumindo sua vocação profética de denunciar as estruturas de pecado que perpetuam a degradação e de anunciar um Reino de justiça e paz, que inclui a integridade da criação. A conversão não é apenas pessoal, mas deve necessariamente levar a transformações estruturais nos sistemas econômicos e sociais que hoje privilegiam o capital em detrimento da vida.

Conclusão: horizontes de esperança em tempos de crise

Dez anos após sua publicação, a *Laudato Si* permanece como um farol, iluminando os desafios e apontando caminhos. Sua profecia sobre a interligação de todas as coisas e a necessidade de uma conversão ecológica integral não é mais uma mera proposição teórica, mas uma verdade existencial confirmada pela realidade. Os gritos da terra e dos pobres clamam por uma resposta urgente, e a encíclica nos oferece o arcabouço conceitual e espiritual para essa resposta.

Apesar da magnitude da crise, a *Laudato Si* não se rende ao desespero. Ela nos convida a uma “corajosa revolução cultural”²¹ baseada na solidariedade, na corresponsabilidade e na redescoberta do sentido da vida. A esperança que brota da *Laudato Si* não é uma esperança passiva, mas ativa, que nos

¹⁷ LS 163.

¹⁸ LS165.

¹⁹ LS 114.

²⁰ TUCKER, M. E.; GRIM, J. (Eds.), *Worldviews and Ecology*.

²¹ LS 114.

impulsiona à ação transformadora. A Igreja, a teologia e cada um de nós somos chamados a renovar nosso compromisso com o cuidado da Casa Comum, reconhecendo que a vida digna para todos – humanos e não-humanos – depende de nossa capacidade de ouvir a profecia e agir com urgência. A construção de uma Casa Comum justa e sustentável, onde o bem-estar da criação e de todos os seus habitantes seja prioridade, é o grande desafio e a grande vocação deste nosso tempo.

A *Laudato Si* e a *Querida Amazônia* nos oferecem, em conjunto, um duplo testemunho profético: a visão global e o compromisso territorial; o princípio e a práxis; o apelo universal e o clamor dos povos concretos. Suas mensagens se complementam como dois eixos de uma mesma conversão ecológica integral. Em tempos de crise planetária e incerteza civilizacional, essas vozes da Igreja não nos deixam cair no desespero, mas alimentam uma esperança comprometida – lúcida, ativa e transformadora.

O grito da terra e o lamento dos pobres continuam a clamar por resposta. E nós, enquanto humanidade, Igreja e discípulos do Ressuscitado, somos chamados a escutar, discernir e agir com urgência. O futuro da Casa Comum depende da coragem de acolher essa profecia e colocá-la em marcha, com os pés no chão ferido da história e os olhos voltados para o Reino que já desponta nas margens, nas florestas e nas resistências.

Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. **A Sustentabilidade**: O que é, o que não é. Petrópolis: Vozes, 2015.

DEANE-DRUMMOND, Celia. **Future Perfect?** God, Humans and the Genetic Revolution. London: T&T Clark, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si**: Sobre o Cuidado da Casa Comum. Brasília: CNBB, 2015.

JOHNSON, Elizabeth A. **Ask the Beasts**: Darwin and the God of Love. London: Bloomsbury, 2014.

MÜLLER, Thomas. **The Pope and the Planet**: The Catholic Church and the Global Environmental Crisis. New York: Oxford University Press, 2020.

PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (IPCC). **Sixth Assessment Report** (AR6). Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TUCKER, Mary Evelyn; GRIM, John (Eds.). **Worldviews and Ecology**: Religion, Philosophy, and the Environment. Maryknoll: Orbis Books, 2000.

Washington da Silva Paranhos

Doutorado em Teologia pela Pontificia Università Salesiana (Roma)
Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: wparanhossj@gmail.com